

Rocca di Papa, 1 de fevereiro de 1995

De uma entrevista ao Mensageiro de S. Antônio

1) *“Muitos homens e mulheres do nosso tempo não acreditam em Deus porque se sentem ‘abandonados’ por ele. Uma experiência que o próprio Jesus viveu por alguns momentos de dor indizível na cruz do Gólgota. A meditação sobre Jesus crucificado e abandonado está no centro da sua espiritualidade. Como testemunhar também hoje que o Deus que não abandonou o Filho na Cruz, é o mesmo Deus que nunca abandona os seus filhos?”*

A sensação de abandono por parte de Deus que os homens e as mulheres do nosso tempo sentem - como o senhor afirma -, e que obstacula a fé nele, deixa claro que a “nova evangelização” é útil e necessária. E a Igreja deseja se empenhar para realizá-la neste período de sua história.

É com o anúncio da novidade trazida pela Boa Nova que o homem se convence de que Deus é Amor, que Deus é Pai de todos, que ama cada um com imenso amor. É com esta fé que o homem pode se elevar do seu estado de abandono e orfandade.

Não só. Sentindo-se amado, encontra, por sua vez, a força para amar os seus irmãos e passar assim da morte para a vida: “Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos” (1 Jo 3,14).

E é no amor que se intensifica a luz da fé em Deus e em tudo o que exige de nós. Não está escrito: “A quem me ama... me manifestarei”? (cf Jo 14,21).

Naturalmente, também é útil apresentar às pessoas que acreditam terem sido abandonadas por Deus, o imenso sofrimento de Jesus na cruz, quando ele gritou: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15,34). Este sofrimento pode explicar que a terra é um lugar de provações para todos nós e que o próprio Jesus quis sofrer aquilo que às vezes também nós sofremos.

Mas também é preciso dizer como ele se comportou, abandonando-se ao Pai que parecia abandoná-lo: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23:46). E como o Pai aceitou esse ato de imenso amor e concedeu-lhe a ressurreição.

2) *“Muitos jovens hoje conhecem a cruz apenas como um objeto de moda, no máximo como ornamento sagrado. Ainda é possível ‘anunciar a cruz’ às novas gerações?”*

É muito viável anunciar também hoje a cruz aos jovens, desde que a apresentemos por aquilo que é: um meio para chegar à vida, à plenitude, à ressurreição.

Não é possível compreender exatamente a Sexta-Feira Santa sem a Páscoa. A Páscoa é a maior festa do ano porque tudo converge para ela.

A minha experiência é que os jovens sabem compreender muito bem a cruz e sabem como assumir todos os dias aquelas que Deus, por sua vontade ou permissão, coloca em seus ombros.

3) *“Cristo expressou o desejo de que os seus fossem ‘uma coisa só’. Que todos fossem ‘um’. Este desejo ardente de Jesus, revelado ao Pai um momento antes da cruz, foi muitas vezes ignorado ou contestado nestes dois mil anos de história. O Movimento dos Focolares nasceu para tentar realizar a vontade de Cristo: ser testemunhas e instrumentos de unidade na Igreja e no mundo. Mas por que a*

unidade continua sendo um desafio tão difícil de ser vencido, um ideal tão alto a ponto de desestimular, por vezes, até mesmo os fiéis mais tenazes?”

A unidade não é um desafio difícil, nem mesmo um ideal elevado a ponto de desencorajar, se for entendida e experimentada pelo menos um pouco.

A unidade, toda unidade (a nossa com Deus, a nossa com os irmãos) é uma dádiva de Deus. Porque ele sempre nos ama primeiro. Mas requer a nossa parte e podemos corresponder a esta dádiva com o amor, com amor a Deus e ao próximo. Para com o próximo através do amor mútuo.

Os irmãos que se amam mutuamente em Cristo atuam a sua Palavra que diz: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles” (Mt 18,20).

Sim, porque a unidade é realmente uma presença de Jesus.

Aqueles que vivem segundo o seu mandamento novo (“... amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” [Jo 15,12-13]) e estão prontos até mesmo a morrer pelo irmão, experimentam a presença espiritual de Jesus, do seu Espírito, que é paz, alegria, luz, e todos os dons do Espírito.

E, uma vez feita esta experiência, nunca mais a esquecem. De fato, em geral, se esforçam para repeti-la ao longo de sua vida.

4) *“Páscoa: mistério de sofrimento, mistério de amor. Um mistério sempre presente no centro das suas meditações, atividades, do seu testemunho. Mas, para muitos cristãos, a Páscoa não é nada mais do que um período litúrgico do ano. É possível ‘viver a Páscoa’ a cada dia, todos os dias?”*

Certamente. Na verdade, o cristão é chamado a viver a cada dia a sua Páscoa.

Como? Tomando bem a própria cruz. Não só resignando-se passivamente, arrastando-a, mas levando-a - como pode - com toda a adesão da mente, do coração, das forças à vontade de Deus.

Agindo assim, a cruz, na maioria dos casos, se transforma, em “jugo suave e leve” que, em vez de oprimir ou esmagar, dá asas e a capacidade de viver na própria vida a alegria da ressurreição. E esta alegria, esta paz nova, este ardor se torna perceptível no íntimo da alma como um anúncio e uma realidade de Páscoa.

Chiara Lubich

(Respostas preparadas para Gianni Maritati - Páscoa – Mensageiro de santo Antonio)